

A Complementaridade entre o Masculino e o Feminino na Antropologia de Edith Stein.

The Complementarity Between the Masculine and the Feminine in Edith Stein's Anthropology.

Maria Clara Gueiros¹

Orientador: **Prof. Dr. Marcos Costa**
Universidade Federal de Pernambuco Mestrado em Filosofia

Resumo:

Neste trabalho, exploramos as diferenças específicas entre homem e mulher segundo a visão da filósofa Edith Stein, e como essas diferenças revelam uma complementaridade entre os sexos. A hipótese é que as características próprias de cada um, conforme descritas por Stein, promovem uma complementaridade valiosa tanto em contextos profissionais quanto familiares. Os objetivos são: esclarecer as diferenças específicas entre homem e mulher, investigar os dons especificamente femininos e a potência unilateral masculina, e explicar a missão de ambos como imagem e semelhança de Deus. Utilizamos como metodologia a análise de conferências de Edith Stein, encontradas no livro “A mulher” e artigos de filósofos contemporâneos. Os resultados indicam que o tema contribui para valorizar a dignidade de ambos os gêneros, promovendo uma complementaridade significativa entre eles. Concluímos que as diferenças específicas entre homem e mulher, segundo Edith Stein, evidenciam uma complementaridade que valoriza a dignidade de ambos os sexos.

Palavras-chave: Edith Stein; Complementaridade; Diferenças de Gênero; Dignidade Humana.

Abstract:

In this work, we explore the specific differences between men and women according to the vision of philosopher Edith Stein, and how these differences reveal a complementarity between the sexes. The hypothesis is that the characteristics of each person, as described by Stein, promote valuable complementarity in both professional and family contexts. The objectives

¹ Contato: mariaclarashalom97@gmail.com

are: to clarify the specific differences between men and women, to investigate specifically feminine gifts and the unilateral masculine potency, and to explain the mission of both as the image and likeness of God. We used as methodology the analysis of conferences by Edith Stein, found in the book “A Mulher” and articles by contemporary philosophers. The results indicate that the theme contributes to valuing the dignity of both genders, promoting significant complementarity between them. We conclude that the specific differences between men and women, according to Edith Stein, demonstrate a complementarity that values the dignity of both sexes.

Keywords: Edith Stein; Complementarity; Gender Differences; Human Dignity.

Introdução

A filósofa contemporânea Edith Stein nasceu na cidade de Breslau, na Alemanha, hoje atual Breslávia, localizada na Polônia, dentro de uma família judia e viveu boa parte de sua vida em sua própria cidade, onde decide estudar filosofia, psicologia, propedêutica, linguística. E por meio do contato com o círculo de Gottingen, termina se apaixonando pelos estudos de Husserl, onde conhece a fenomenologia, onde faz seu doutorado na área da filosofia e acaba sendo sua discípula e assistente por muitos anos.

A partir desse ponto, podemos enxergar melhor também o método fenomenológico no qual Edith Stein aprofundou muito de seus estudos, acerca dos mais diversos temas, tais como: pedagogia, educação, vida cristã, o ser do homem e da mulher, a antropologia humana, psicologia, etc.

Neste trabalho nós iremos adentrar especificamente nas diferenças entre os homens e as mulheres, segundo o olhar da filósofa Edith Stein. Entretanto, antes, nós explicaremos alguns conceitos importantes que servirão de base para compreensão deste tema principal. A saber, o conceito da vocação tríplice do ser humano: a geral, a específica e a individual. Onde na geral, nós encontramos o ser humano, que é diferente de outros animais, por sua razão e habilidades específicas. A específica na qual nós investigaremos mais a fundo as particularidade de cada de sexo, ou seja, o modo de ser masculino ou feminino de ser. E por fim, a unicidade de cada ser humano, a sua particularidade, o seu modo único de ser e estar no mundo.

Através do método da fenomenologia que aprendera com o seu mestre Husserl, que busca a verdade velada por trás das coisas, isto é, a sua essência e do princípio tomista “anima

“forma corporis” (a alma é a forma do corpo), Edith Stein começará a investigar os modos de ser de ambos os sexos, deduzindo que por terem corpos distintos também deverão ter almas diferentes.

No que concerne ao primeiro conceito tomista, o argumento da autora fica demasiadamente óbvio quando nos deparamos com a realidade de terem homens e mulheres corpos de fato, muito distintos. Parecidos, se formos olhar dentro de uma categoria chamada humanidade, porém, distintos quanto às suas particularidades, força física, cromossomos, altura, e até mesmo a forma do cérebro funcionar desde a mais tenra idade.

Além do mais, para Edith Stein, nós somos um todo interligado de corpo-alma -espírito, isto significa que aquilo que está no nosso corpo como característica distinta, também poderá estar em nossa alma, e na nossa psique. E é isso que vemos em seus trabalhos quando afirma que não se trata somente de uma diferença física, mas psíquica e consequentemente da própria alma de ambos os gêneros.

O método da fenomenologia, criado pelo filósofo, Edmund Husserl, tem por finalidade a busca da primeira filosofia, isto é, das essências do mundo. Para o seu criador, a fenomenologia teria esse papel dentro da ciência filosófica: o de investigar o que das coisas, a essência última dos objetos, da natureza, da literatura e dos mais diversos temas filosóficos e científicos.

Sendo assim, a base para todas as demais áreas científicas. Dessa forma, na matemática, a filosofia auxiliaria na descoberta do que é o número, na biologia, do que é a vida, e assim por diante nas demais ciências. Ou seja, por meio do método da fenomenologia a filosofia atuará como desveladora das demais essências do mundo.

A partir desse ponto, podemos enxergar melhor também o método fenomenológico no qual Edith Stein aprofundou muitos de seus estudos, acerca dos mais diversos temas, como a empatia, a educação integral do ser humano, a antropologia humana, e também a vida da mulher. Desse modo, ao se deter mais nesse último assunto, Edith Stein percebe que de fato existem formas em comum, anseios comuns e desejos parecidos na alma de cada mulher. Assim como também comportamentos parecidos e particularidades únicas nos homens.

Vale ressaltar ainda que, ao dizer isso, a autora não está determinando qualidades específicas ou virtudes que somente as mulheres ou apenas os homens poderiam alcançar, pois, visto que somos parte da mesma espécie, tanto homens quanto mulheres podem alcançar qualidades muito próximas um do outro. Se tiverem o devido esforço ou até mesmo uma vocação específica para determinada área que exija tais habilidades particulares.

Para elucidar essa diferença específica do masculino e do feminino a referida filósofa usará, em uma de suas conferências, o conceito de *ethos*: “na acepção do termo, ethos exprime algo duradouro que regula os atos do ser humano, não se trata de uma lei imposta de fora ou de cima, antes é algo que atua dentro do ser humano, uma forma interna, uma atitude constante da alma [...]” (Stein, 2020, p. 47)

Portanto, Edith Stein pontua que “tais atitudes constantes da alma conferem à variedade de comportamentos uma determinada marca homogênea, e é através dessa marca que eles se manifestam externamente”. (2020, p.47)

Desta maneira, podemos dizer que tanto na alma do homem quanto na alma da mulher encontramos a sua essência humana, mas os acidentes encontrados em ambas as almas são distintos. E é por isso que podemos dizer, junto com Edith Stein, que ambos possuem uma alma dessemelhante.

Portanto, ao investigar melhor a essência feminina, ou seja, as características da alma feminina, por meio do método da fenomenologia, Edith Stein chega a conclusão de que existem formas distintas de ver, experimentar e sentir o mundo, não apenas em cada indivíduo particular, mas também entre os gêneros feminino e masculino. Quais são tais diferenças e como elas se complementam é algo que nós veremos no desenvolvimento deste trabalho, a seguir.

É imprescindível dizer também que Edith Stein para tal feito, se baseou não somente na literatura clássica alemã, por meio da análise de seus personagens femininos principais, mas também na sua própria vida, como professora, conferencista e pedagoga que foi de diversas mulheres ao longo de sua vida. Sendo assim, boa parte dos seus estudos acerca dos gêneros é focado principalmente no âmbito da alma feminina e com algumas pinceladas também no ser masculino.

As particularidades propriamente ditas

Veremos que a autora retira da capacidade maternal da mulher as suas qualidades específicas, visto que é algo exclusivo da mulher. Então, desta particularidade específica feminina, advém todos os seus outros dons e qualidades discorridos por Edith Stein ao longo de seus textos.

Duas características principais apontadas pela autora como o cerne da alma feminina é a característica do “pessoal-vivente” e a do todo integral. No primeiro caso, a mulher naturalmente está ligada aos seres, e não às coisas, de forma que ela se interessa apenas pelas

coisas na medida em que elas estão diretamente ligadas às pessoas, ou seja, com o intuito de ajudá-las, e não somente o estudo da coisa inanimada em si, simplesmente por ela mesma, como vemos no homem.

Sendo assim, segundo a filósofa contemporânea:

o pessoal-vivente, objeto de suas preocupações, é um todo concreto e requer os cuidados e incentivos como um todo, não como parte que prejudique outras ou os outros: não o espírito às custas do corpo ou vice-versa, nem uma capacidade física às custas das outras. Ela aspira essa totalidade em si e também nos outros. E a essa atitude prática corresponde a teórica: seu modo de conhecimento natural não é tão o dissecador-conceitual e sim intuitiva e emocionalmente direcionado ao que é concreto (Stein, 2020, p. 49).

Ou seja, para Edith Stein a alegria da mulher está em se desenvolver humanamente mais também e ao mesmo tempo, ajudar os outros seres humanos que estão em contato com ela, a se desenvolverem também. E isso advém de sua capacidade de gerar alguém, um ser humano dentro de si. Consequentemente, a maternidade gera na mulher uma disposição natural para ajudar as outras pessoas a se desenvolverem também. Deste modo, vemos que essa é a aspiração natural da mulher:

tornar-se aquilo que se deve ser, deixar amadurecer para o desdobramento mais perfeito possível a humanidade que está latente nela, na forma individual especial que foi colocada nela. Deixar amadurecê-la na união amorosa que, fecundando, provoca esse processo de amadurecimento e, ao mesmo tempo, estimula e promove também nos outros o amadurecimento de sua perfeição, essa é a aspiração mais profunda do desejar feminino (...) (Stein, 2020, p.93).

É por esse motivo que para a autora a mulher é a principal educadora dos filhos, ao lado do marido. Porque ela naturalmente está mais apta para tal função maternal. Porque é capaz de olhar o todo do ser humano, de tratá-lo segundo essa dignidade integral e não somente direcionando seu olhar para algo específico. Porém, não somente porque ela tem essa capacidade, mas também porque possui naturalmente essa aproximação com seus filhos porque os gerou dentro de si.²

² Não queremos excluir desse ponto de vista mulheres que têm filhos adotivos ou até mesmo mulheres que não são mães biológicas, como freiras, por exemplo. Afinal de contas, Edith Stein descreve muito sobre a maternidade espiritual que também faz parte dessa particularidade feminina, uma qualidade da própria mulher.

Assim, vemos no seguinte trecho escrito pela filósofa: “Os laços do corpo que ligam o filho à mãe e a inclinação natural da mulher de dedicar-se e servir à vida alheia, bem como seu senso mais forte de desenvolvimento harmonioso das forças fazem com que a parte principal da educação seja confiada a ela”. (STEIN, 2020, p.74)

Sobre a segunda característica, a do todo integral, também é causada por causa da maternidade, pois, esta, provoca na mulher um efeito de união e concentração enorme sobre si mesma, o que faz com que na mulher, a tríplice - corpo, alma e mente - estejam tão interligadas entre si por suas forças que para ela é difícil separar uma coisa da outra.

Assim, Edith Stein pronuncia:

Parece-me que a alma da mulher está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto para o homem o corpo assume mais o caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca um certo distanciamento. Esses fatos devem estar ligados à vocação da mulher para a maternidade. A tarefa de abrigar dentro de si uma vida em formação e crescimento, de abrigar e de alimentá-la, leva a uma certa reconcentração sobre si mesmo, e o processo misterioso da formação de uma nova criatura no organismo feminino é uma união tão íntima de elementos psíquicos e corporais que se pode entender facilmente que essa união se constitua a marca de toda a natureza feminina. (Edith Stein, 2020, p.94).

Com isso, encontramos uma diferença entre homens e mulheres, pois a mulher está muito mais voltada para a totalidade das coisas, e por consequência também, muitas vezes, para o seu objetivo último, ou seja, sua finalidade. A finalidade das suas ações. Portanto, ela tem essa tendência de não querer que nenhuma parte prejudique a outra. Por isso que em sua prática de mãe educadora ou professora em uma sala de aula, ou até mesmo como médica, ela se volta com maior facilidade para o todo orgânico da pessoa, com preocupação para a totalidade, para o objetivo último da saúde daquela pessoa ou daquele processo de aprendizagem, por exemplo.

Isto quer dizer que ela tem uma capacidade para captar a essência das coisas de forma mais fácil do que o homem. É quase inerente a mulher, podemos dizer, esse olhar mais voltado para o todo integral das pessoas. Diferentemente do homem que se volta com facilidade para aquilo que é abstrato. E portanto, a sua atitude prática é muito mais voltada para as coisas, para o particular e consequentemente para o que é mais objetivo e rápido na teoria.

Em contrapartida aos dons naturais femininos, existem aquilo que mais desponta nos homens: sua capacidade para pensar de forma objetiva, racional e mais separada do todo. Ou seja, normalmente os homens não fazem muitas relações, não se debruçam sobre os detalhes,

nem observam muito as ligações das partes com o todo, mas têm seu pensamento voltado para uma única coisa, em uma única direção.

O pensamento do homem é muito mais voltado para as coisas, e não para as pessoas. Isso quer dizer que “o desempenho individual é tanto mais perfeito quanto mais limitada a área de ação” (Stein, 2020, p. 73). Diferentemente da mulher que tem o olhar voltado para o todo-integral.

Concordamos com Prof. Juvenal quando diz que:

A capacidade masculina de distinguir objetivamente leva, então, à especificidade do homem, mostrando que o campo do resultado parece seu lugar mais natural, uma vez que ele é capaz de atividades unilaterais e de desdobramentos pontuais; ele se volta menos para o íntimo e mais para a ação rumo à exterioridade (2018, p. 28).

Parece que das “três atitudes básicas diante do mundo – conhecer, desfrutar e criar” (Stein, 2020, p.75), enquanto a mulher prefere normalmente a segunda, pela alegria respeitosa dos bens da terra, o homem com frequência opta pelas outras duas: tanto o conhecimento das coisas, como por exemplo, o estudo das ciências, quanto por transformar as coisas em sua criação, em modelar a matéria prima, como vemos atualmente em tantas profissões preponderantemente masculinas como a de pedreiro, construtor, engenheiro etc.

Por causa disso, a mulher consegue respeitar melhor as coisas, porque através de sua natureza feminina e do seu olhar voltado para o todo, ela consegue captar melhor as suas essências, os seus processos, ela adquire um respeito próprio pelo mundo e pelas pessoas ao seu redor. Por isso vemos tantas mulheres em profissões direcionadas ao cuidado e ao desenvolvimento das pessoas como a de médica, pedagoga, psicóloga, professora, etc.

Os excessos causados pela inclinação natural do masculino e do feminino.

Agora falaremos um pouco dos excessos decorrentes de suas peculiaridades específicas. Seguindo um atrofiamento da característica do pessoal-vivente, a mulher poderá cair numa atenção excessiva sobre si mesma, ocupando-se e ocupando os outros demasiadamente consigo, precisando de atenção, exigindo elogios, sendo vaidosa etc.

E assim como da inclinação pessoal advém tais erros, da inclinação a totalidade também, pois leva facilmente a mulher a “dispersão das forças, aversão à disciplina objetivamente necessária de cada uma das predisposições, a tentativas superficiais em todas as áreas” (Stein, 2020, p. 50)

Sendo muitas vezes indiscreta, superficial e não cumprindo com o seu devido papel, mas pelo contrário, fugindo dele. Fugindo do seu trabalho tanto em casa quanto em seu ambiente profissional, ocupando-se demais consigo mesma ou com os outros de uma forma vã e infantil e por consequência negligenciando as suas obrigações.

Um remédio muito bom para que tais exageros não aconteçam, segundo a filósofa Edith Stein, é o trabalho objetivo e bem executado, pois “por meio dele são afastadas naturalmente a inclinação excessiva para o lado pessoal e a superficialidade nas atividades, provocando ao mesmo tempo uma aversão geral contra ela e a sujeição a leis objetivas, a ponto de levar ao treinamento da obediência (2020, p.51).

Assim como pode recair em excesso os dons femininos, o mesmo também acontece com os homens, pois quando deseja o acesso ilimitado daquilo que busca conhecer, acaba por perder a noção de limite que as coisas em si mesmas trazem. Isso se dá em seu relacionamento com a sua mulher, com os filhos e até mesmo em sua profissão.

Assim dizendo, o que acontece com os homens é que:

O conhecimento não para respeitosamente diante dos limites que lhe são impostos, antes tenta rompê-los à força; ele frustra até o acesso o que não lhe é vedado em princípio porque se nega a aceitar as leis das coisas tentando apoderar-se delas de uma maneira arbitrária ou deixando que desejos e anseios lhe turvem o olhar espiritual (Stein, 2020, p.73).

Dessa maneira, o homem cai de forma muito instintiva sobre as coisas, perdendo esse olhar espiritual e perdendo também esse respeito que vem como sinal de reverência diante do todo que lhe cerca.

Por isso, recomenda-se fortemente que a mulher o ajude, pois ao lado dela, ele poderá captar essa harmonia própria do ser mulher, aprendendo a respeitar tudo que está a sua volta porque terá essa visão da importância do todo. E assim tocamos no benefício da complementariedade entre ambos.

A mulher ajudará o homem a ter um olhar mais empático, profundo e humano no seu trabalho e nas suas relações pessoais e profissionais. E a mulher, por sua vez, encontrará no homem essa capacidade de ter um olhar objetivo, o que a levará a não se perder em seu olhar voltado para o todo, evitando que caia muitas vezes em futilidades e divagações.

Portanto, vemos que a força de um está no outro, pois, naquilo que um é naturalmente bom o outro ainda não o é, dessa forma vemos a complementariedade sendo tão necessária para o crescimento tanto dos homens quanto das mulheres em nossa sociedade. E a boa convivência,

sabendo respeitar as diferenças próprias de cada um só será benéfica para ambos, tanto em seu ambiente familiar, quanto em um ambiente profissional.

Considerações finais

Em outros termos, também queremos dizer assim como o Prof. Juvenal Savian Filho que “o desenvolvimento da feminilidade no homem e da masculinidade na mulher não apenas é um dado empírico, mas mesmo algo como um ideal a atingir” (2018, p. 28). Pois, vemos o ideal da perfeição humana na complementariedade de ambos, e parece que a qualidade de um é o remédio para o defeito do outro. Assim, poderemos caminhar para uma sociedade mais sadia no relacionamento entre homens e mulheres.

Uma vez que ambos têm qualidades extremamente necessárias para uma vida satisfatória aqui na terra, isto é, para a boa convivência, torna-se imprescindível que ambos busquem crescer em seus defeitos, a fim de possuírem as qualidades que ainda não possuem um do outro.

Por fim, podemos dizer que não é porque existem diferenças específicas entre homens e mulheres que necessariamente todas as mulheres serão do mesmo modo e os homens também, porque, já como pontuamos anteriormente, cada um tem a sua marca precisa e individual, isto é, a sua unicidade. Além do fato de que cada indivíduo cresce em um ambiente cultural diferente do outro, desenvolvendo habilidades diversas também.

Sendo assim, também podemos dizer que o papel da mulher em nossa sociedade torna-se insubstituível não somente dentro de casa, na educação dos seus filhos e ao lado do seu marido, mas também na sociedade como um todo, nos meios de trabalho, porque as mulheres trazem algo único para a humanidade.

Referências Bibliográficas.

Obras primárias:

- STEIN, Edith. O que é fenomenologia? Tradução de Ursula Anne Matthias. **Argumentos: Revista de Filosofia**, Ano 10, n. 20, jul.-dez. 2018. p. 215-219.
- STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Campinas: Editora Ecclesiae, 2020.

Obras secundárias:

GOTO, Tommy Akira. **Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmundo Husserl**. São Paulo: Paulus, 2008. - (Coleção Temas de Psicologia)

MONTEIRO, Maria Clara. Da relação entre homem e mulher no seio da família, à luz da filosofia de Edith Stein, **Revista Sísifo**. N° 12, p 33-53. - Julho/Dezembro 2020. Disponível em: <https://www.revistasisifo.com/2021/01/da-relacao-entre-homem-e-mulher-no-seio.html>. Acesso em 07 de nov, 2024.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Natureza feminina e direitos da mulher na filosofia de Edith Stein. **Revista Jurídica Portucalense / Portucalense Law Journal**, n. 24, p. 24-35, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/juridica/article/view/9789>. Acesso em: 11 nov. 2024.